

Viver Só

Mudança social e estilos de vida

Rosário Mauritti

VIVER SÓ

MUDANÇA SOCIAL E ESTILOS DE VIDA



LISBOA, 2011

© Rosário Mauritti, 2011

Rosário Mauritti

Viver Só. Mudança social e estilos de vida

Primeira edição: Abril de 2011

Tiragem: 500 exemplares

ISBN: 978-989-96783-7-6

Depósito legal:

Composição (em caracteres Palatino, corpo 10)

Concepção gráfica e composição: Lina Cardoso

Capa: Nuno Fonseca

Revisão de texto: Rui Gouveia

Impressão e acabamentos: Publidisa, Espanha

Este livro foi objecto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa

Tel.: (+351) 217 903 238

Fax: (+351) 217 940 074

E-mail: editora.cies@iscte.pt

Índice

Agradecimentos	ix
Introdução	1
Parte I Perspectivas e processos	
1 Perspectivas sociológicas na análise do <i>viver só</i>	7
Um caminho para a construção do objecto sociológico	10
Uma solução biográfica com configurações estruturais e relacionais....	17
Uma expressão da individualização reflexiva dos estilos de vida	22
2 Processos e contextos do <i>viver só</i> na Europa	27
As tendências num olhar de comparação internacional.....	27
Dinâmicas de evolução do <i>viver só</i>	28
A incidência urbana do fenómeno.....	32
Parte II Retratos do <i>viver só</i>: actores e discursos	
3 Preferências e orientações para uma vida independente	41
O <i>viver só</i> como escolha e projecto	42
Parâmetros de configuração das escolhas possíveis.....	43
As entrevistas e os entrevistados: estratégias e perfis	48
A casa: um espaço de mediação de estilos de vida singulares	56
4 Contextos relacionais do <i>viver só</i> e estilos de vida	63
Apresentação de si	67
Autonomia.....	91
Espelho	119
A casa-porto de abrigo.....	134
Constrangimento	149
A casa-escritório.....	162
Colapso.....	173

5	Conclusão	185
	Referências bibliográficas	191

Índice de figuras e quadros

Figuras

2.1	Pessoas em monorresidência no total de pessoas em agregados domésticos, 1960 a 2001 (em percentagem)	29
2.2	Tendências de crescimento da população total e do número de pessoas em monorresidência, 1960-2001 (taxas de variação em percentagem)	30
2.3	Residência independente em algumas das principais áreas metropolitanas europeias (em percentagens).....	33
4.1	Contextos relacionais do <i>viver só</i>	67

Quadros

3.1	Indicadores de caracterização dos entrevistados.....	52
-----	--	----

Introdução

Em meados de 2002, quando começaram a ser divulgados na generalidade dos países europeus, na América e na Austrália alguns dos resultados preliminares dos recenseamentos gerais da população, um dos temas que emergem do debate, como testemunho de uma mudança de fundo, prende-se com o forte incremento do *viver só*. Como se sublinha num artigo publicado na BBC News no início desse ano, pela primeira vez na história encontramos mais adultos sozinhos num alojamento ou em monoparentalidade do que numa “unidade familiar tradicional”.¹ A transversalidade destas tendências nas sociedades ocidentais sustenta ainda a visão de que estaríamos aqui perante um fenómeno global, particularmente incidente nos grandes centros urbanos.

Foi, pois, neste contexto de mediatização e crescente perplexidade que se desenhou o projecto proposto ao ISCTE para desenvolvimento da investigação cujos resultados agora se apresentam.

O problema central da pesquisa foi levantado pela procura de compreensão das dinâmicas sociais que convergem no sentido da promoção, em níveis antes inimagináveis, de incremento do *viver só*. Seria este um sinal da desintegração das formas sociais tradicionais de organização da vida pessoal e familiar e das relações de intimidade? Como é que o fenómeno se decompõe internamente nos seus protagónicos específicos, espacialidades e temporalidades? Que configurações de estilos de vida e formas de relacionamento dos indivíduos com os seus contextos de proximidade estão predominantemente associados ao seu crescimento?

Numa orientação para descoberta e compreensão destes processos, definiram-se os objectivos teórico-conceptuais e analítico-substantivos da investigação a empreender.

Num *plano teórico*, produzir contributos no conhecimento das lógicas sociais que na sociedade actual convergem para a construção de novas formas de relacionamento

1 A propósito de um estudo desenvolvido no Reino Unido pela Future Foundation, que toma como objecto as mudanças na vida familiar, http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/1754824.stm (01-2002).

dos sujeitos com os seus contextos no âmbito de experiências sociais do *viver só*. Nesta óptica, propunha-se aprofundar sociologicamente os significados subjectivos que os seus protagonistas conferem às relações que constroem nas diversas esferas de participação social. Ainda neste plano de construção teórica, pretendia-se igualmente contribuir para uma delimitação conceptual de problemáticas que enquadram os estudos sobre o fenómeno aqui em destaque, confrontando noções e perspectivas e assumindo novas sínteses parcialmente inovadoras. Mas que não deixariam de enraizar nos contributos de outras pesquisas, promovidas nomeadamente por equipas de investigadores do CIES-IUL, nas quais, sob diversos ângulos e escalas de estruturação, e tendo por referente diversos objectos empíricos, também se analisara dinâmicas estruturais de recomposição social das populações.

Nesta medida, num *plano de generalização*, a pesquisa empreendida ensaia, de forma teoricamente orientada, vias para alargar a aplicabilidade dos conceitos, indicadores e procedimentos elaborados nos trabalhos desenvolvidos nesses contextos de equipa. Nesta medida, contribuindo para afinar, desde logo em função do objecto específico e dos graus variados de minúcia da informação a analisar, algumas das dimensões e categorias conceptuais e analíticas que consubstanciam a abordagem dos processos em presença.

No *plano substantivo*, na multiplicidade de processos e de experiências sociais presentes no crescimento do *viver só*, à medida que fomos recolhendo e produzindo elementos de sistematização analítica, suscitou-nos particular curiosidade a possibilidade, numa primeira abordagem surpreendente ou contra-intuitiva, de parte significativa dos protagonismos de mudança que emergem no incremento do fenómeno ser assumida como uma decisão individual — numa expressão da individualização e da capacidade reflexivamente orientada de escolha de um estilo de vida singular. Apesar de, na mediatização do fenómeno, porventura denotando o peso ainda muito expressivo que nele detêm as populações idosas, este facto nem sempre transparecer, os diversos estudos que começam a ser publicados enfatizavam, claramente, nas dinâmicas que enquadram o seu crescimento, uma presença de segmentos da população em idade activa, homens e mulheres que se distinguem nomeadamente pela posse de recursos socioprofissionais e socioeducacionais, denotando condições de vida de algum favorecimento.

Especialmente na análise destes protagonismos sociais, as referências teóricas da “individualização reflexiva”, da “modernidade tardia” e da “pós-modernidade” conduziam-nos a perspectivar as orientações para a vida independente — aqui consubstanciadas na residência unipessoal — numa era “pós-tradicional”, dominada pela “ética do indivíduo” que se constrói a si mesmo, projectado reflexivamente na busca de auto-realização. A escolha e a decisão seriam, nesta óptica, as determinantes básicas da pessoa humana, do sujeito que aspira ser o autor da sua vida, nesta medida singular. E os sujeitos que a protagonizam representariam a “vanguarda de uma transformação profunda, nomeadamente nas relações entre indivíduo e sociedade” (Beck e Beck-Gernsheim, 2003: 22).

Mas serão apenas as somas acumuladas de vontades interiores pessoalizadas que explicam estas experiências e orientações para uma vida em autonomia residencial? Qual o lugar, nestes processos, das desigualdades estruturais, nomeadamente

fundadas nas diferenciações de classe e familiares? Como se configuram as relações destes sujeitos nas respectivas redes de sociabilidade? Serão os recursos socioprofissionais e qualificacionais, que assimilam nas projecções que fazem de si, elementos catalisadores de diferenciações nas suas práticas sociais e orientações valorativas?

Tendo em vista dar resposta a estes diversos questionamentos, procurou-se aprofundar um quadro analítico que favorecesse uma compreensão teoricamente fundamentada dos fenómenos em análise, por vezes num confronto face a uma visibilidade e projecção mediática que apenas realçava alguns traços e dimensões que os configuram.

A aproximação sociológica ao *viver só* parte assim de um conjunto de questionamentos adicionais que podemos sintetizar no seguinte:

Como justificar tão grande dinamismo no crescimento do *viver só* ao longo das últimas décadas? Poderá ser esta uma das faces mais visíveis de um crescente de trajectórias de autonomia e de novos estilos de vida, projectados na reflexividade social e no centramento dos indivíduos sobre si? Como se conjuga nestes processos a complexidade de factores, ligados, simultaneamente, quer com preferências e orientações individuais, quer com constrangimentos e oportunidades estruturais — nomeadamente enquadrados nas condições económicas e de trabalho ou, ainda, nas atitudes e normativas culturais que enquadram as suas práticas e orientações nas relações que estabelecem com os respectivos contextos familiares e de amizade?

Os desenvolvimentos analíticos deste leque de questionamentos, fundados inicialmente numa “explosão” de visibilidade social e, sucessivamente, num acréscimo de interpelações, interpretações e construções teóricas e substantivas sobre os fenómenos em presença, numa primeira parte do presente estudo, remetem-nos para a caracterização dos “processos e das perspectivas” que enquadram o *viver só* nas sociedades contemporâneas.

No capítulo 1, desenvolve-se assim uma análise, necessariamente simplificada, sobre os processos e as dimensões mais relevantes das transformações estruturais por que passam as sociedades modernas actuais, equacionando ainda as diferentes influências e modos de articulação de tais recomposições nos protagonismos sociais e orientações valorativas observáveis no quotidiano, e que confluem num crescimento e diversificação de protagonismos de *viver só*. O ensaio que se concretiza neste primeiro capítulo tem subjacente a ideia de que o crescimento da residência unipessoal constitui um importante foco de observação dos vários processos de mudança social enunciados. Isto, tanto no que respeita à observação de fenómenos ligados ao incremento do isolamento e da exclusão social de alguns segmentos da população como também na caracterização de protagonismos de autonomia diferenciada de sectores da população jovem e adulta altamente qualificados e bem posicionados nas novas segmentações socioprofissionais prevalentes a nível mundial.

Ainda nesta primeira parte, o capítulo 2 orienta-se pelo desafio de construção de grelhas de leitura e análise dos comportamentos sociais e das orientações simbólicas que enquadram os protagonismos de residência unipessoal nas sociedades modernas contemporâneas. Num primeiro nível, este exercício é edificado através

da delimitação teórica e conceptual do objecto que conduz a presente pesquisa, num contraponto do “viver só” face a noções como a “solidão” e o “isolamento social”. Num segundo nível, perspectiva-se ainda a abordagem do fenómeno nas condições de reflexividade radical da vida actual e nas discussões contemporâneas sobre a individualização, bem como no primado dado à autonomia e ao controlo da própria vida na construção do projecto reflexivo do *self*.

A segunda parte do livro, na variabilidade de protagonismos possíveis subjacentes ao *viver só*, considera a relevância simbólica e social das manifestações que perspectivam este tipo de experiências como uma concretização de escolhas, enraizadas em processos complexos, heterogéneos e frequentemente ambivalentes de produção social de indivíduos “múltiplos” (Velho em Castro, Oliveira e Ferreira, 2001) ou “actores plurais” (Lahire, 2003) multideterminados e multissocializados.

No capítulo 3, a problematização da escolha e a delimitação dos mecanismos sociais que a possibilitam orientam a construção do *corpus* de casos estudados. Enquanto as práticas sociais mediadas pelos posicionamentos actuais e percursos biográficos destes sujeitos, assim como os mecanismos relacionais que as enquadram, nas diversas esferas e contextos situacionais de interacção social, constituem os focos privilegiados de observação.

Na sequência destes desenvolvimentos, o capítulo 4, partindo ainda de um olhar que se constrói por referência a uma tipificação das apropriações e projecções materiais e simbólicas que os sujeitos investem no/atraves do espaço de alojamento, apresenta diferentes perfis-tipo de relações com o *viver só*. Justapõem-se nestes perfis vários “retratos sociológicos” (Lahire, 2002), através dos quais se pretende enfatizar movimentos biográficos ou percursos transicionais sempre em processo.

A conclusão da pesquisa retoma, e por vezes prolonga, alguns dos temas aprofundados nos capítulos precedentes. Nesse balanço, sistematizam-se as análises concretizadas, dando conta também de um conjunto de questionamentos e possibilidades interpretativas que apontam para a necessidade epistemológica de prosseguimento de algumas das linhas de investigação.